Literatura e Psicanálise

30/08/2018

Tema: Crônicas do dia-a-dia

Convidada: Glória Costa

Conexão: O ato e a solidão permeiam a psicanálise e a literatura no viés da servidão e da ordem do que é inventado, posto a báscula da linguagem.

 Psicanálise e literatura são dois saberes complementares. A literatura está na origem do pensamento freudiano, quem apontou como mestres os autores da literatura clássica.

Na literatura percebemos uma tentativa de melhor entendimento das personagens de suas histórias, possibilitando um aprofundamento nas origens de seus afetos e reações. Algo que também direciona a escuta do analista: Freud era ele mesmo um narrador por excelência, o investigar e o narrar se encontram, então, entrelaçados.

Seja na psicanálise ou na literatura questões fundamentais que aparecem são: o ato e a solidão, enquanto a báscula entre a servidão e à ordem do que é inventado e à ordem da linguagem.

 Assim, a experiência do texto literário aparece como formadora de respostas ou mesmo fazendo sintomas. O próprio representar, tão presente na arte, é livrar-se de algo como uma função terapêutica. Por exemplo, a fantasia, um dos conceitos pilares da teoria psicanalítica, é bem comum aos dois saberes, verificando os efeitos da literatura na constituição da subjetividade. É na brincadeira, no sonho, na fantasia e na escrita literária que se faz presente o inconsciente que os analistas perseguem nas sessões de análise.

 No que concerne à interpretação, enquanto conceito também comum a esses dois saberes, Lacan traz que a comunicação de um saber ao analisando tenderia a encobrir o surgimento da verdade. Ele propõe no lugar da interpretação o ato analítico, onde se produzem efeitos de interpretação. O ato se realiza onde o sujeito é confrontado com sua falta, que emerge de um corte pertinente.

 O analista, assim como aquele que escreve, deve exilar-se de sua posição de sujeito, reservando-a para aquele que se produz na experiência: o analisando, ao atravessar seus ditos para além de sua significação. Portanto, o escritor também se coloca numa posição de estrangeiro para que no intervalo entre o familiar da língua e o desconhecido de um sujeito produzido pelo texto, um estilo possa se constituir.

 Por fim, deve-se ressaltar que se a encenação não pode ser considerada como mera refração de um texto sobre a cena, pode-se imaginar que o ato analítico está longe de ser uma projeção do texto romanceado do sujeito em análise. É acontecimento porque cria acontecimento.

Referência Bibliográfica

Motta, Vera Dantas de Souza. Literatura e Psicanálise: ensaios. Salvador: EDUNEB, 2017. 277p.